



### OS FALARES DE AURORA/PA, MARAJÓ/PA E SANTO AUGUSTO/RS: UM ESTUDO DESCRITIVO-COMPARATIVO

Maria Socorro Cardoso (UEPA)<sup>1</sup>  
[cardoso\\_socorro@yahoo.com.br](mailto:cardoso_socorro@yahoo.com.br)

Jany Éric Queirós Ferreira (UFRA)<sup>2</sup>  
[janyeric@gmail.com](mailto:janyeric@gmail.com)

**RESUMO:** O trabalho, em questão, registra cartograficamente as ocorrências de caráter semântico-lexical encontradas nos municípios de Aurora do Pará – PA, na ilha do Marajó – PA e em Santo Augusto – RS. O presente estudo pauta-se na geolinguística, método cartográfico, utilizado em trabalhos de caráter dialetológico. Insere-se, portanto, no domínio de três áreas da ciência da linguagem: Dialetologia, Sociolinguística e Semântica Lexical. A pesquisa dialetológica, de caráter geolinguístico, realizada para este trabalho, objetivou descrever um falar nunca antes descrito, o aurorense, e compará-lo a outros dialetos, santoaugustense e marajoara, já descritos. Os dados para a constituição do *corpus* da análise foram obtidos por meio do Questionário Semântico-Lexical do ALiB (2002), composto de 202 questões, das quais, 32, referente ao campo semântico corpo humano, foram aplicadas a 10 (dez) sujeitos, de ambos os sexos, entre 45 a 65 anos, nativos da localidade, para a descrição do falar aurorense. A partir disso, se estabeleceu a comparação deste falar com os falares marajoara e santoaugustense nesse campo semântico. Os dados demonstram um percentual de mais ou menos 48% de lexias, de maior frequência, recorrentes entre as localidades e a proposta do ALiB, fato que faz inferir que a variedade chega a ser cerca de mais ou menos 52%, percentual esse que seria maior, caso levássemos em consideração as ocorrências de baixa frequência que não foram recorrentes entre as localidades. Os dados, portanto, revelam que há uma disparidade muito grande entre os falares, principalmente entre os do Norte e os do Sul. E mais, revelam que há variação nas próprias localidades pesquisadas, o que vem comprovar a diversidade linguística em meio à unidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diversidade linguística; Variação semântico-lexical; Dialetologia; Sociolinguística; Descrição e comparação linguística.

**ABSTRACT:** The work, in question, charts cartographically the occurrences of semantic-lexical character found in the municipalities of Aurora do Pará - PA, in the island of Marajó - PA and in Santo Augusto - RS. The present study is based on geolinguistics, a cartographic method, used in dialectal studies. It is therefore included in the domain of three areas of language science: Dialectology, Sociolinguistics and Lexical Semantics. The geological and dialectal research carried out for this work was aimed at describing a speech never before described, the aurorense, and comparing it to other dialects, Saint-Oustus and Marajoara, already described. The data for the constitution of the corpus of the analysis were obtained through the ALiB (2002) Semantic-Lexical Questionnaire, composed of 202 questions, of which, 32, referring to the semantic field of the human body, were applied to 10 subjects, of both sexes, between 45 and 65 years, natives of the locality, for the description of the aurorense speech. From this, the comparison of this talk with the Marajoara and Santoaugustense phrases in this semantic field was established. The data show a percentage of more or less 48% of lexias, of frequency, recurrent between the localities and the proposal of the ALiB, fact that makes it possible to infer that the variety amounts to about 52%, a percentage that would be higher, if we take into account the occurrences of low

<sup>1</sup> Docente UEPA. E-mail: [cardoso\\_socorro@yahoo.com.br](mailto:cardoso_socorro@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Docente UFRA. Doutorando PPGL-UFPA. E-mail: [janyeric@gmail.com](mailto:janyeric@gmail.com)



frequency that were not recurrent between the localities. The data, therefore, reveal that there is a very great disparity between the speeches, mainly between the North and the South. Moreover, they reveal that there is variation in the localities researched, which proves the linguistic diversity in the middle of the unit.

**KEYWORDS:** Linguistic diversity; Semantic-lexical variation; Dialectology; Sociolinguistic; Description and linguistic comparison.

### ALGUMAS PALAVRAS

A Linguística ramifica-se para dar conta da tarefa definida por Saussure (1916): *descrever* e *explicar* as manifestações linguísticas. Para este estudo, elegem-se os construtos teóricos da Dialetologia, Sociolinguística e da Semântica. Sabe-se que a língua falada no Brasil resulta de relações de várias ordens: histórica, geográfica e cultural, as quais revelam seu caráter singular, ao mesmo tempo plural.

Como consequência dessas relações, sobretudo históricas e socioculturais, a língua do Brasil, além de apresentar dessemelhanças em relação ao português europeu, também se apresenta diversificada no próprio território brasileiro. Tais diferenças atingem todos os níveis do sistema linguístico: fonético-fonológico, morfossintático, semântico-lexical e discursivo; e confirmam o que se entende por variação linguística.

A *variação linguística* é inerente a qualquer sistema linguístico, bem como a *mudança linguística*. Bagno (2002) afirma que toda língua, qualquer língua, em qualquer momento histórico, em qualquer lugar do mundo, nunca é uma coisa compacta, monolítica, uniforme. A principal característica é sua *heterogeneidade*.

No trabalho em questão, inserido nos pressupostos teóricos da Dialetologia, principalmente, e da Sociolinguística, o objeto de estudo são as ocorrências registradas de caráter semântico-lexical. Esta variação ocorre no nível do significante e revela a maneira de conceber a realidade pelos falantes de um dado sistema linguístico. Isso ocorre de região para região, onde há diferenças culturais, afirma Beline (2003). Mas também pode ocorrer num mesmo espaço geográfico, ou melhor, num mesmo dialeto, como foi o caso do dialeto estudado e comparado a outros dialetos, neste trabalho.



A confrontação dos três dialetos estudados (Aurora e Marajó / PA e Santo-Augusto / RS) revela, em parte, o caráter homogêneo e heterogêneo da língua falada no Brasil, ao passo que contribui significativamente para a construção do tão almejado *Atlas Linguístico do Brasil*.

Este estudo é relevante porque contribui para o registro de um falar nunca antes descrito. Falar esse que revela um tipo de variedade dialetal do português do Brasil e que faz parte da cultura de um povo. Portanto, ao registrá-lo, colabora-se, também, para que a *cultura*, que se revela nele e por ele, não se perca, já que a *língua* tende a se *modificar no tempo*. Além de cooperar para a ampliação dos registros sobre os diferentes dialetos. Respalda a sociolinguística para consolidar suas teses, principalmente sobre a variação linguística, com pesquisas realizadas entre os falantes. E permite à dialetologia lançar mão desses registros e, assim, agrupá-los em Atlas, servindo de base para análises futuras.

E mais, possibilita à escola subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem, para uma melhor interpretação do *caráter multidialetal* do Brasil. E, desse modo, contribui para que haja uma *política linguística* eficaz que valorize, também, as variedades de menor prestígio social. Sobre isso Houaiss (1992) declara: “A pesquisa linguística possibilitará um conhecimento, por parte dos brasileiros, sobre a feição da língua, locais, urbanas ou rurais. O que facilitará um empreendimento de uma política linguística consciente e lúcida” (p. 42).

### 1 Os dialetos fazem a língua

Ao definir como objeto de estudo da Linguística a língua, Saussure (1916) não a separou do caráter social, pelo contrário, sempre defendeu que a língua, ao contrário da fala, é social. Ao estudá-la, o homem se ocupa da parte de si mesmo, pois a língua é cultural. Se o homem é um ser social, e a língua é fruto de relação social, não se pode estudá-la, mesmo em si mesma, sem referência a uma determinada sociedade, porque “a língua está radicalmente presa à sociedade [...]. Ela vai condensando todas as experiências de uma dada comunidade humana” (FIORIN apud Cortez e Xavier, 2005,



p. 72). Ela é a expressão de uma concepção de mundo de uma sociedade. Sob este ponto de vista, tem-se *a priori* que todo estudo linguístico é também social.

Os estudos linguísticos tiveram início na antiguidade grega. Remonta aos clássicos como Diógenes, Sócrates, Platão, Aristóteles, entre outros. No entanto, foi a partir de Saussure que os estudos de linguagem, com a linguística, ganharam *status* de científico. Para Orlandi (1999), há dois momentos-chave: o século XVII, das gramáticas gerais, e o século XIX, das gramáticas comparadas.

No século XVII, marcado pelo racionalismo, os estudos de linguagem irão se concentrar na ideia de linguagem como expressão e representação do pensamento, a fim de se mostrar que as línguas obedecem a princípios racionais, lógicos. Daí, o alvo dos estudiosos era atingir a *língua-ideal*. Essa mentalidade se perpetua na mente de muita gente até os dias atuais. Não são poucos os que teimam em acreditar no mito da língua “correta”, ideal. De outro lado, no século XIX, os estudos se voltam para as *transformações* que as línguas sofrem com o tempo. É o século das *gramáticas comparadas*, tempo em que com a utilização do método histórico-comparativo fez surgir os primeiros estudos dialetológicos. Esse método objetivava confrontar línguas de origem comum para depreender a possível protolíngua de que eles emergiam, ao passo que se identificavam as alterações no decorrer do tempo e possíveis fenômenos, como a variação linguística, fator principal da origem dos dialetos.

O fenômeno linguístico é visto de forma diferente pelas ciências, que destacam ou dão ênfase àquilo que melhor lhe caracterizam. De outro modo, a própria linguística prescinde de outros saberes de outras ciências – Fonética, Sociologia, História, Psicologia, Antropologia, etc. Essa relação interdisciplinaridade ocorre porque a Linguística, ao estudar a língua(gem), não pode desconsiderar aspectos importantes, estudados por outras ciências e que não fazem parte de seu construto teórico, mas que são imprescindíveis às suas análises: aspectos extralinguísticos - porque estão fora do sistema da língua, mas, no entanto, são inerentes a ele.



Assim, dependendo da relação da linguística e com aspectos de outras ciências, temos: sociolinguística – língua e sociedade; dialetologia – língua e espaço geográfico; psicolinguística – língua e cognição; etnolinguística – língua e cultura; dentre outras.

Vale lembrar que a crença no *mito da unidade linguística* é quase unânime. O fato de ainda haver poucas pesquisas de cunho descritivo, além dos gastos que estas requerem, bem como, a pouca divulgação feita (ou quase nenhuma divulgação) dessas pesquisas fazem com que muitas pessoas alimentem a crença na homogeneidade linguística. Daí a importância de ser pesquisado a realidade linguística, tão urgente e necessária, e se desmistificar essa ideia. Muitos estudiosos consideram a língua um sistema abstrato, diversificado e multifacetado, composto de outros subsistemas, porque está inserido no sistema maior chamado língua, possui uma estrutura interna própria, organizada em níveis, porém comuns aos demais dialetos. Cada nível, por sua vez, se subdivide em níveis hierárquicos menores. Segundo Ferreira (2006):

Afirmamos “falar” a língua portuguesa, por exemplo, porque comungamos de um mesmo sistema (estrutura) linguístico. No entanto, em cada comunidade linguística, este sistema vai se realizar de diferentes maneiras. Assim, podemos afirmar que, nos diferentes países, de fala portuguesa, os usuários desta estrutura fazem uso de parte dela, ou seja, fazem uso do português falado no Brasil, Portugal, Timor Leste e assim por diante, nada mais são que dialetos de um sistema macro, denominado Língua Portuguesa (p. 186).

O Brasil é um país plurilíngue, são quase 180 línguas indígenas, além da existência de vários dialetos, segundo Souza (1991). Esse fato pode ser explicado por múltiplas causas de ordem: histórica, social, econômica, educacional, continental, etc. Silva (2005) afirma que estudos recentes, realizados por dialetólogos e sociolinguísticos<sup>3</sup>, têm demonstrado que uma língua não é única nem homogênea, mas um conjunto de variedades, usadas diferentemente, de acordo com a época, o lugar, as características sociais do falante (faixa etária, grau de escolaridade, sexo, classe social, profissão, etc.), e a situação de comunicação. A prova disso é este trabalho, que se

---

<sup>3</sup> Ambos estudiosos fazem parte, respectivamente, das subáreas da Linguística, Dialetologia e Sociolinguística.



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

**ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019**

**Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)**

fundamenta num dos tipos de variação, a diatópica, e que registra dialetos de três localidades distintas, duas da região norte, Aurora do Pará-PA e Ilha do Marajó-PA, e uma da região sul, Santo Augusto-RS, objetivando registrá-los e compará-los, no aspecto semântico-lexical. O registro dos dialetos é importante porque permite:

Que se conheça a diversidade linguística do Brasil, diversidade que não anula a unidade, apenas lhe dá a verdadeira dimensão, tornando-a menos “esplêndida” ou menos “notável” como, inadvertidamente, alguns a defendiam ou ainda a defendem. Unidade e diversidade não se defende, contata-se (FERREIRA e CARDOSO, 1994, p.21).

Contudo, a descrição de uma língua nos seus vários aspectos, fonético-fonológico, morfossintático, semântico-lexical, pragmático e discursivo, é, sem dúvida, o grande desafio da linguística contemporânea, tarefa principalmente da Sociolinguística, no que se refere à variação diastrática e da Dialetologia, que se ocupa, em especial, da variação diatópica. No Brasil, dado a grandiosidade territorial, o desafio é muito maior e complexo, talvez até mesmo impossível, como afirmou Serafim Neto (apud FERREIRA e CARDOSO, 1994).

Se as pesquisas comprovam a diversidade linguística, não se pode esquecer que, por outro lado, elas revelam que a língua também é constituída da unidade, ou seja, pode ser considerada homogênea. A comparação, por exemplo, que é realizada neste trabalho, entre os dialetos em questão, atesta que a língua também é homogênea. A unidade pode ser comprovada se considerarmos os vários aspectos comuns dos diversos dialetos que compõem uma determinada língua. Contudo, é o critério da heterogeneidade que chama mais a atenção dos estudiosos, porque revela o caráter mutável da língua, que varia até mesmo de falante para falante, constituindo-se o idioleto, e mesmo por meio das diferenças é possível conhecermos outros aspectos (históricos, sociais, econômicos, educacionais, temporais, culturais, étnicos...) que se manifestam na linguagem. Para alguns estudiosos, como Neto (apud Cortez e Xavier, 2005), a língua é um produto ideológico, já que, linguisticamente, ninguém fala igual. O que existe de fato são os idioletos (a língua de cada um), que, por causa das relações



sociais entre os falantes, tendem a apresentar semelhanças maiores ou menores. Cada pessoa vai usar a língua de acordo com suas intenções.

Desse ponto de vista, pode-se inferir que a definição de língua ou/e de dialeto não depende só de critérios linguísticos, mas também ideológicos, que se baseiam, por sua vez, no social, no econômico, no histórico, pois:

Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra, de ordem superior. Ou, dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto à língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior. (COSERIU, 1982, p.11)

O estudo dos dialetos fica a cargo da Dialetologia e da Sociolinguística. Conforme destacam Ferreira e Cardoso (1994), ambas as disciplinas estudam a língua falada, o uso linguístico, e estabelecem as relações que existem entre certos traços linguísticos e certos grupos de indivíduos.

### **1.1 Dialetologia**

É a ciência que estuda os dialetos. Tem como tarefa promover o estudo das variantes de uma língua, ou seja, sistematizar e interpretar os traços linguísticos dos dialetos de forma comparativa, em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites.

A dialetologia é também empregada para a descrição de falas tomadas isoladamente sem referências às falas vizinhas ou da mesma família. É o estudo da geografia linguística e da dialeção.

Entre os principais teóricos está Georg Wenker (1852-1911). Foi dele a iniciativa de demarcar os limites geográficos de um dialeto. Concordava que uma



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

**ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019**

**Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)**

mudança fonética atingia uniformemente todas as palavras que apresentassem as mesmas condições. Foi o responsável pelo Atlas Linguístico da Alemanha do Norte e do Centro. Graças ao seu estudo, mostrou-se a ineficácia da teoria dos neogramáticos.

Outro estudioso da área foi Graziadio Isaia Ascoli (1829-1907). É considerado o fundador da dialetologia italiana. Extremamente metódico, via a linguística como um corpo de noções científicas apoiadas por um rigoroso método. Dirigiu as revistas “Studi orientali e linguistici” e “Archivio glottologico italiano”. Estudou os dialetos românicos, avançou na classificação dos dialetos italianos, considerou o dialeto toscano como o mais puro descendente do latim e classificou o ladino e o franco provençal como línguas românicas. Foi adepto dos traços essenciais da teoria dos neogramáticos e autor da teoria do substrato. Defendia que um mesmo som pode evoluir diferentemente de uma palavra para a outra. Valorizava dialetos vivos.

Mas foi Jules Gilliéron (1845-1926) quem consolidou as bases da geografia linguística. Com a ajuda de Edmond Edmont, elaborou o Atlas Linguístico da França – ALF. Seu objetivo era estudar os dialetos galo-romanos. Reconheceu a necessidade de estudar particularidades morfológicas, sintáticas e lexicais dos dialetos. Escolheu E. Edmont para ser o responsável pelo inquérito, pois este pesquisador não era especialista em linguística e, assim, não seria influenciado pelas teorias ou ideias pré-estabelecidas. O AFL serviu de base para a realização de pesquisas geolinguísticas posteriores.

Amadeu Amaral é considerado o primeiro dialetólogo brasileiro. Em “O dialeto Caipira”, procurou registrar traços fônicos, mórficos, sintáticos e lexicais de uma região rural paulista. Esta obra incentivou estudiosos a pesquisarem os dialetos brasileiros.

Destaca-se, também, entre os brasileiros, Antenor Nascentes, autor de “O linguajar carioca”, que valorizou estudar a língua em uso e não se interessou pela língua dita “cultura”. Em 1953, “O linguajar carioca” foi reeditado. Na nova edição, o Brasil foi dividido em seis subfalares (o amazônico, o nordestino, o baiano, o mineiro, o fluminense e o sulista). Também é o autor de importante obra de cunho dialetológico: “O idioma nacional”.



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

**ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019**

**Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)**

Outro grande incentivador das pesquisas dialetológicas foi Serafim da Silva Neto, notável filólogo e dialetólogo do Brasil. Considerava importante criar uma mentalidade dialetológica nacional. Incentivou a organização de excursões linguísticas e etnográficas em direção ao interior brasileiro.

Também Celso Cunha, importante filólogo, contribuiu para o conhecimento da variante brasileira do português. Ajudou na realização de eventos responsáveis pela criação da mentalidade dialetológica. Com Silva Neto, apresentou a proposta do Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil, cujo objeto de estudo definido foi o dialeto, que, para Manuel Alvar, é: sistema divergente de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente, com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente a outros de origem comum.

O objetivo da dialetologia, portanto, é descrever e comparar os mais variados dialetos. E a principal tarefa é elaborar Atlas Linguístico: levantamento de dados; estabelecimento dos pontos linguísticos; seleção de sujeitos; elaboração de instrumentos e técnicas de coleta de dados; aplicação de instrumentos; arquivamento e transcrição de dados e preparação das cartas.

Um dos métodos mais utilizados pela Dialetologia é a geografia linguística ou como mais recentemente se conhece geolinguística. Trata-se do método cartográfico, baseado principalmente no critério geográfico, daí advém a noção de pontos linguísticos, pois de acordo com essa técnica de coleta divide-se a localidade que se deseja estudar em cinco pontos, os quais devem compreender todos os extremos, numa tentativa de cobrir toda a localidade.

Os dados coletados, sem dúvida, constituem um corpus que, se devidamente analisado, fornece suportes para os estudiosos linguísticos. Um trabalho de caráter dialetológico é documento irrefutável da realidade linguística e que pode ser útil a todos que não prescindem dos estudos de linguagem, como fonoaudiólogos, professores, linguistas, antropólogos, sociólogos, dentre outros.



### **1.2 Sociolinguística**

Estuda todos os aspectos da relação entre língua e sociedade. A identidade linguística dos grupos sociais, as atitudes sociais em relação à língua, as variantes sociais e os níveis da língua, são algumas questões estudadas pela Sociolinguística.

Hugo Schuchardt (1842-1927), professor da Universidade de Graz-Áustria e o maior opositor da teoria neogramática sobre as leis fonéticas, defendia a transformação da língua segundo à situação geográfica. Estudou as línguas românicas, suas origens e as línguas Ibéricas. Tentou reconstruir a declinação do nome da língua e investigou as línguas crioulas. Alguns estudiosos o consideram como o fundador da sociolinguística. Ele valorizou os aspectos individuais e sociais da linguagem. Defendia a teoria da mescla da linguagem. Não acreditava em língua pura. Para ele, as mudanças fonéticas são resultados de processos em que o falante associa estruturas fonéticas e faz inovações sob impulso. Afirmava que não existia mudança fonética sistemática. Achava difícil determinar os limites de um dialeto. Definia a linguagem como uma generalização grosseira que não corresponde exatamente à realidade

A noção de comunicação social, estabelecida por Bakhtin, como: “A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, mas pelo fenômeno social, através da enunciação. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua”, incorporou o social aos estudos linguísticos, elemento antes ignorado como parte do estudo de uma língua.

Outra contribuição importante foi a de Émile Benveniste, para quem: “é dentro da e pela língua que o indivíduo e sociedade se determinam mutuamente, dado que ambos só ganham existência pela língua”. A linguagem sempre se realiza dentro de uma língua, de uma estrutura linguística definida e particular, inseparável de uma sociedade definida e particular.

Como disciplina, a Sociolinguística foi fundada em 1963, mas o termo fixou-se em 1964. Nasce marcada por uma origem interdisciplinar. William Labov foi quem



mais veementemente insistiu na relação entre língua e sociedade e na possibilidade de sistematizar a variação da língua falada. Seu primeiro estudo foi em 1963, sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts, nos Estados Unidos. Interessa-se pela covariação entre os fenômenos linguísticos e sociais e, eventualmente, objetiva estabelecer uma relação de causa e efeito. Assim, seu objeto de estudo é a língua falada, observada, descrita e analisada, no contexto social, isto é, em situações reais de uso.

As variedades linguísticas: diferentes modos de falar, em qualquer língua, seja geográfica ou diatópica: diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, seja social ou diastrática: conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e com a organização sociocultural, ex. classe social, idade, sexo, situação ou contexto social e de estilo: tipo de registro e adequação à situação comunicativa. Tudo isso faz parte de seu universo de pesquisa.

Para a sociolinguística, a adequação decorre de uma seleção dentre o conjunto de formas que constituem o saber linguístico individual, de um modo mais ou menos consciente. Uma variedade linguística, portanto, vale o que valem na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais.

Os estudos sociolinguísticos são decisivos para a formação de uma educação linguística necessária e urgente, sobretudo, para o estabelecimento de políticas linguísticas que discutam a noção de norma e regra, da variante padrão e não-padrão e da noção equivocada de “erro”, este, sim, responsável por um dos maiores preconceitos: o linguístico.

### **1.3 Semântica-Lexical**

Para Dubois et al (2001), a semântica é um meio de representação do sentido dos enunciados. É a responsável por explicar as regras que condicionam a interpretação semântica dos enunciados. Parece um pouco simples, mas não é bem assim. Os estudos semânticos, e a própria semântica, não se apresentam tão claramente, porque não há,



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

**ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019**

**Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)**

entre os especialistas, consenso quanto à definição e à delimitação do objeto de estudo desta ciência.

Na verdade, o que dificulta e torna a definição de semântica pouco esclarecedora é o fato de não haver convergência entre os semanticistas acerca do que sejam significado e significação, considerados objetos de estudo daquela. Daí o aparecimento de várias semânticas, a textual, a cognitiva, a lexical, a argumentativa, a discursiva, a formal, conforme afirma Muller e Viotti (2003). Isso porque cada uma delas estuda o significado a seu jeito, ou seja, recortam o objeto de estudo de forma diferente, privilegiando algum aspecto envolvido na análise do significado.

Segundo Dallemole (2005), a semântica lexical, objeto da lexicologia, a área na qual está embasado este trabalho, estuda o significado das palavras. interessa-se, em particular, pela etimologia, pela polissemia, pela sinonímia, pelas metáforas, pelos neologismos (estudo do aparecimento de palavras novas, ou de significados novos de palavras).

Ao descrever a língua, levando em consideração o aspecto semântico-lexical, busca-se constatar a presença ou ausência de variação lingüística nesse aspecto da língua, que altera todo o significante, parte material do signo lingüístico, podendo prejudicar a comunicação, em parte, quando não se conhece o significado, pois se trata do mesmo significado, conceito, porém com significante diferente. Isso ocorre muito de região para região, onde as diferenças culturais são mais acentuadas. Todavia, não se descarta a possibilidade de ocorrer também em uma mesma localidade, como foi o caso de Aurora do Pará-Pa, onde foram encontradas mais de uma lexia para o mesmo significado. E, em uma situação, na qual um dos termos usados seja desconhecido pelo falante, pode ocorrer um comprometimento na interação lingüística. No entanto,

Ainda que o falante possa saber o significado de um vocábulo ou de outro, ao ouvi-lo, pela primeira vez, ele não questiona o fato de que ambos são palavras do português, pois reconhece os sons que participam de sua constituição e também reconhece o seu padrão silábico (BELINE, 2003, p. 122).



A relação significante/significado é cultural e, desse modo, cada povo interpreta a realidade à sua maneira, pois a mesma realidade, a partir de experiências culturais distintas, é categorizada diferentemente. Assim:

Para Saussure, o signo lingüístico é arbitrário e, portanto, cultural. Arbitrário é o contrário de motivado, significa que, ao afirmar que o signo lingüístico é arbitrário, está dizendo não motivado, ou seja, não há nenhuma relação necessária entre o som e o sentido, não há nada no significante que lembre o significado (FIORIN, 2003, p. 60).

Perini (2004) afirma que cada língua, e podemos, aqui, dizer cada dialeto, por ser cultural, é um retrato do mundo, tomado de um ponto de vista, e que revela algo não tanto sobre o próprio mundo, mas sobre a mente do ser humano.

A linguagem é constituída da soma de sons e significados. A semântica, portanto, vai se ocupar pela natureza, função e usos desses significados, que são culturais, partem do próprio homem.

## **2 De Norte a Sul**

Foram privilegiadas para este trabalho as variações diatópicas e diassexual. De acordo com Mota (2005), a nova dimensão da Dialetologia deve também refletir sobre outros aspectos, como por exemplo, as variações diastrática, diafásica e diassexual, entre outras. No que se refere ao fator lingüístico dos dialetos aqui apresentados (marajoara, santo-augustense, aurorense), dá-se preferência ao aspecto semântico-lexical.

### **2.1 Primeiros passos**

Baseados nas orientações de Ferreira e Cardoso (1994) sobre a pesquisa dialetológica, na perspectiva da geolingüística, o primeiro passo dado para se percorrer essa trilha foi a escolha dos pontos lingüísticos, tarefa para a qual são levados em consideração a posição geográfica e o critério de antiguidade, conforme Mota e Cardoso (2005). A leitura de fontes bibliográficas sobre a região foi muito importante para o



reconhecimento dos fatores histórico-político-social. Alguns critérios foram deixados de lado, como, por exemplo, o do isolamento, tão precisado nos inícios da Dialetologia, mas que nos tempos atuais não tem muito sentido por ser quase impossível uma localidade totalmente isolada.

Os dados comparados neste trabalho com os da pesquisa realizada por mim constam da pesquisa de graduação intitulada “Um estudo descritivo e contrastivo entre os falares santoaugustense – RS e marajoara – PA” (2005), de Jussara Maria Pettenon Dallemole, e da Tese de Doutorado denominada “Estudo Semântico-Lexical com Vistas ao Atlas Lingüístico da Mesorregião do Marajó/Pará”, de Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva, em 2002.

## 2.2 Os caminhos

### 2.2.1 Caminho 1: Aurora do Pará

O município de Aurora do Pará está localizado a nordeste do Estado do Pará, na microrregião guajarina. Limita-se ao norte com São Domingos do Capim, ao sul, com Ipixuna do Pará, ao Leste, com Mãe do Rio e Capitão Poço e a Oeste, com São Domingos do Capim e Tomé Açu, delimitado pelas coordenadas geográficas 01°54'28' S e 02°34'00''S, 47°19'09''wGr e 48°08'50''wGr.

A sede municipal, que na pesquisa é identificada como ponto lingüístico 1, possui área urbana aproximada de 1,5 Km<sup>2</sup>. Caracteriza-se como cidade de pequeno porte. Está localizada no Km 60, da BR 010; as coordenadas geográficas do ponto central, que correspondem à sede da prefeitura municipal são: 02°08'02''S e 47°33'32''W, com altitude em torno de 50 Km, cerca de 200Km de Belém, Capital do Pará. O principal sustentáculo da cidade é a agricultura.

No que se refere aos aspectos históricos, o município de Aurora do Pará foi desmembrado dos municípios de Irituia e São Domingos do Capim, que por sua vez teve origem ligada às incursões portuguesas nos rios Capim e Guamá, de tal forma que



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

**ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019**

**Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)**

crônicas mais antigas mencionam como povoação que foi levada à categoria de freguesia em 06 de junho de 1758, sob o nome de São Domingos da Boa Vista.

Nesta condição, passou a fazer parte do Município de São Domingos da Boa Vista, cujo território foi formado do desmembramento do Município de Belém. A 19 de agosto de 1932, pelo Decreto Estadual de nº 720, passou a denominar-se São Domingos do Capim, formado apenas pelo distrito-sede. Em 1943, com a divisão territorial do Pará, passou a chamar-se apenas Capim, tendo sido reduzido seu território em 1.249 Km<sup>2</sup>, para aumento da área do município de São Miguel do Guamá.

Tais cortes foram se sucedendo, sendo que o último deu origem a Ipixuna e Aurora do Pará. Assim como em outros municípios, passada a fase hidroviária de desenvolvimento, o processo de ocupação do “planalto” com terra firme e matas altas, exemplificado pela antiga Vila Aurora ou Km 58, iniciou-se no final da década de 50, quando da abertura da Belém-Brasília, com a exploração de madeira e posteriormente com a agricultura. A maioria dos trabalhadores era constituída de nordestinos e muitos vinham a convite de conterrâneos que já estavam na região, considerada, por estes, a terra da promessa, o verdadeiro “Eldorado”. A agricultura é o principal sustentáculo da Cidade.

Em 1960, muitos deles já haviam abandonado a região, vitimados pela alta incidência de malária, quando começou a chegar nova onda de imigrantes, tencionando se fixar. Entre eles estava Antonio Alves (conhecido como barbeiro) e mais dois capimenses que fizeram roçados e construíram seus barracos no Km 58. em 1963, Antonio instalou uma barbearia, o primeiro estabelecimento de serviço da antiga localidade de Vila Aurora, em virtude de seu roçado não estar dando resultados suficientemente positivos.

A imigração continuava sendo constituída principalmente de cearenses e poucos paraenses, que se dedicaram ao cultivo de algodão e da malva, além do roçado. Com a penetração da colônia japonesa (entre as décadas de 70 e 80), oriunda de Tomé-Açu, em face da disseminação da fitopatologia, naquela localidade, houve a expansão do plantio de pimenta-do-reino, atualmente também em decadência.



Em 1966, a prefeitura de São Domingos do Capim reivindicou a administração do local, o que resultou em conflito político, chegando a serem usadas correntes para impedir o tráfego de veículos para São Domingos do Capim, essas arrebitadas pelo prefeito de Irituia. Tal fato ocasionou o desinteresse pela posse e administração de Vila Aurora, pelo então prefeito de São Domingos.

Em 1972, iniciou a demarcação dos limites territoriais dos municípios, que não foi concluída por desentendimentos políticos entre os dois municípios, o que novamente resultou no abandono temporário, por ambos, de Vila Aurora.

Em 26 de outubro de 1990, a prefeitura de Irituia, pelo ofício nº 080/90, comunica que a área territorial que constituía posse de Vila Aurora passaria a pertencer efetivamente a São Domingos do Capim, inclusive a Escola Estadual Hildeberto Reis. A emancipação do município de Mãe do Rio foi um fator que acelerou decisivamente o desejo emancipacionista dos aurorenses, o que se deu em conjunto com outros vinte dois municípios, em dezembro de 1991. Em 3 de outubro de 1992, foi eleito o primeiro prefeito municipal, José Justino dos Santos.

Para que a pesquisa fosse realizada, cinco pontos linguísticos foram definidos, levando-se em consideração a posição geográfica e o critério de antiguidade, conforme sugerem Mota e Cardoso (2005). Os pontos foram identificados por número:

Ponto linguístico 1	Sede do Município
Ponto linguístico 2	Vila Repartimento
Ponto linguístico 3	Vila Fátima
Ponto linguístico 4	Vila Sant'Ana
Ponto linguístico 5	Vila Barreirinha

## 2.2.2 Caminho 2: Ilha do Marajó

A Ilha do Marajó é considerada o maior arquipélago flúvio-marítimo do planeta. Com uma extensão de 65.394Km<sup>2</sup>, está localizado na foz do Rio Amazonas, sendo composta por 16 municípios e subdividida em dois tipos de terrenos: as terras altas no lado oriental e as terras baixas no lado ocidental.



A economia está baseada na pecuária, com a maior criação de búfalos do país, no extrativismo e no cultivo de frutas tropicais. O turismo vem ganhando força e auxiliando o desenvolvimento local, além do artesanato, que também preserva a cultura marajoara.

Dos dezesseis municípios que fazem parte da Ilha do Marajó, cinco deles participaram da pesquisa de Silva (2005), constituindo o corpus da Tese de Doutorado, já referendada. Dentre os municípios estão: Anajás, Breves, Chaves, Melgaço e Soure, cujas caracterizações podem ser obtidas, detalhadamente, na referida pesquisa.

### **2.2.3 Caminho 3: Santo Augusto**

A origem da localidade do então hoje município de Santo Augusto é de 1815, quando o Barão de Antoninha recebeu uma sesmaria no rincão de São Jacob. Depois de três anos, acontecia a primeira colonização, envolvendo áreas de matos da Fazenda Tapera. A região era conhecida como Boca da Picada e pertencia ao Distrito de Campo Novo. No mapa 4, podemos localizá-lo geograficamente. Em 1928 o local se torna uma vila e passa a ter administração própria, vinculando-se ao Distrito de Palmeiras das Missões. O Município atualmente é constituído administrativamente por cinco Distritos: Sede, Santo Antônio, Pedro Paiva, Nossa Senhora de Fátima e Rincão dos Paivas.

Possui, atualmente, uma área de 468,65Km<sup>2</sup> e uma população de, aproximadamente, 15.137 habitantes. Está localizado a uma altitude de 530m do nível do mar, com latitude de 27°51'24'', longitude de 53°46'59'', com precipitação média anual de 2.300mm e temperatura média de 27°. Situa-se a 480 km da capital Porto Alegre e tem seus acessos pelas rodovias BR468, RS571 e a principal RS155. A população possui descendência indígena, italiana, alemã, polonesa e luso-brasileira, dentre as quais, aproximadamente, 11.501 vivem na cidade e apenas 3.636 vivem na zona rural. A renda per capita municipal é de aproximadamente R\$ 4.499,00, segundo dados do IBGE.



### 2.3 A escolha dos sujeitos

O perfil dos sujeitos deve atender a questões espaciais, por isso: filhos da localidade a ser pesquisada e de pais também lá nascidos. Nesta pesquisa, realizada no município de Aurora do Pará-PA, dois sujeitos, o 4 e o 5, do ponto 3, não se encaixaram nesse critério. Levou-se em consideração, também, variáveis sociais<sup>4</sup> (faixa etária, grau de escolaridade, sexo, classe social, profissão, etc.) “tão importantes para que melhor se compreendam os fatores que determinam a conservação de certos traços lingüísticos ou a difusão de inovações” (BRANDÃO, 1991, p. 31).

Optou-se pela faixa etária adulta, 45 a 65 anos. Todos de baixa escolaridade, variando entre 2<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental<sup>5</sup>. As atividades exercidas pelos sujeitos são relacionadas à agricultura, ao artesanato e à pescaria. A maioria deles viaja para outras cidades, principalmente os sujeitos agricultores, que vendem seus produtos em cidades próximas. Um dos sujeitos passou 1 ano fora da localidade em que mora, foi o número 2. Todos os outros entrevistados declararam pertencer ao catolicismo, assistir tv pelo menos uma vez ao dia e ouvir rádio.

A escolha dos sujeitos não foi fácil, devido o município ter apenas pouco mais de meio século de existência, motivo que dificultou a escolha de sujeitos adequados.

Observou-se o que propõe Brandão (1991), quanto ao fato de os sujeitos serem loquazes, e não apresentarem problema de dentição ou fonação, o que poderia comprometer a veracidade dos dados. Para a seleção se utilizou de uma Ficha, anexa ao trabalho original. Abaixo, a tabela resume o perfil dos sujeitos.

---

<sup>4</sup> Nas primeiras pesquisas dialetológicas não se consideravam as variáveis sócias. Isso só ocorreu a partir de Hans Kurath, em 1939. O confronto entre essas variáveis e os dados lingüísticos possibilitam uma melhor interpretação dos dados sob análise.

<sup>5</sup> Para alguns pesquisadores, é interessante que os sujeitos sejam analfabetos, o que caracterizaria mais adequadamente o falar de uma localidade, já que, nesse caso, não haveria influência da escola, ou que se incluam na pesquisa sujeitos com esse perfil.



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

PONTOS	SUJEITO	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	CLASSE SOCIAL	PROFISSÃO	CARAC. PSICOLÓGICAS
1	1	M	45	2ª série	c	tratorista	vivo
	2	F	46	4ª série	c	desempregada	vivo
2	3	M	45	2ª série	c	marceneiro	tímido
	4	F	45	2ª série	c	diarista	tímida
3	5	M	47	3ª série	c	carpinteiro	vivo
	6	F	64	2ª série	c	(agricultora)	tímida
4	7	M	52	4ª série	c	agricultor/pescador	tímido
	8	F	50	4ª série	c	(artesã) aposentada	vivo
5	9	M	50	1ª série	c	agricultor	tímido
	10	F	59	analfabeto	c	aposentada	vivo

### 2.4 Questionário e entrevistas

Para a coleta de dados foi utilizado o Questionário Semântico-Lexical, elaborado pelo ALiB, em sua versão 2001. O referido instrumento consta de 202 questões, que versam sobre 14 campos semânticos, optou-se, neste, aplicar o produtivo e de maior número de questões, o campo relativo ao corpo humano, composto de 32 questões (Anexo C).

Não se descarta a possibilidade de que o questionário possa ocultar peculiaridades do falar da região. Contudo, Silva (2005) afirma que a validade deste instrumento consiste no fato de ser um guia, além de ser o instrumento usado pela maioria dos pesquisadores em diversas regiões, fato esse que facilita uma posterior confrontação de dados, como o que ocorre nesta pesquisa.

Os dados foram gravados no aparelho de mp3 da marca X-Mem, de formato digital, à pilha. A pilha usada foi Rayovac Alcalina Maximum Plus. Após a gravação os dados foram agrupados em CD-ROM.

Para o bom êxito, as orientações de Silva (2005) foram importantíssimas: breve conversa introdutória e uso pragmático da linguagem.

### 2.5 Constituição do *corpus* e elaboração das cartas

Para a constituição do *corpus* foram analisadas todas as ocorrências. No entanto, foram agrupadas as variantes consideradas diferentes no nível fonético e morfológico.



Contudo, foram escolhidas principalmente as ocorrências de maior frequência registradas nos pontos linguísticos, as quais foram organizadas em tabelas e em cartas. Para estas, foram selecionadas questões para as quais as ocorrências apresentaram, em Aurora do Pará, frequência superior a 50%. Desse modo, das 32 questões do campo semântico em estudo, apenas 20 serviram de base para a construção das cartas. Cada carta recebeu a numeração de 1 a 22, correspondendo à questão que apresentou ocorrências cujos critérios a que estiver vinculada. Segue a cada carta a análise pretendida.

### **3 Um país, dois extremos e tantos dialetos**

A análise do corpus é descritivo-comparativa, assim, os dados coletados nos três locais onde foram realizadas as pesquisas de campo – Marajó/PA, Santo Augusto/RS e Aurora do Pará/PA – foram quantificados e comparados na perspectiva semântico-lexical. Por razões metodológicas e como forma de facilitar a compreensão dos dados e das cartas lexicais, optou-se por renumerar as questões, atribuindo a elas a numeração crescente de 1 a 32. Todas as lexias que apresentaram alguma diferença fonética foram agrupadas; devido ao caráter semântico-lexical que não prioriza esse tipo de variação, além do que foram agrupadas as lexias que apresentaram diferenças de gênero e número.

As cartas lexicais, num total de 22 (todavia por questões de espaço, nesta publicação priorizou-se 10 delas, as cinco primeiras e as cinco últimas). Todas se referem às questões em que, pelo menos, um das lexias apresentou mais de 50% de frequência, no dialeto de Aurora do Pará-PA. Ao final da análise, destacam-se as lexias de maior frequência em todas as localidades. A tabela, que segue, demonstra todas as lexias encontradas, de cunho semântico, relativas ao corpo humano, compondo, portanto, o corpus da pesquisa.



# Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

TABELA DOS DADOS

PONTOS LINGÜÍSTICOS										
Nº DA QUES TÃO	ALiB	AURORA DO PARÁ			ILHA DO MARAJÓ			SANTO AUGUSTO		
		Nº DE VARIANTES ENCONTRADAS	OCORRÊNCIAS	%	Nº DE VARIANTES ENCONTRADAS	OCORRÊNCIAS	%	Nº DE VARIANTES ENCONTRADAS	OCORRÊNCIAS	%
01	Pálpebras /capela dos olhos	07	pešana/pes tânia capela du olhu caroço do oi superciliu palpra pelha du olhu sobrancelhas	20 20 10 10 10 10	06	bera du olhu	25	02	pálpebra s/s/palpra capela dos olhos	50 20
02	cisco	03	ciscu/s augueru bisorinhu	80 10 10	02	ciscu	95	01	cisco/u	100
03	cego de um olho	07	cegu deficienti du olhu cegu dum lado num enxerga dum ladu deficienti fartu du olhu doenti du otru olhu	20 20 20 10 10 10 10	06	cegu di um ladu	30	05	caolho zarolho/z aroiu vesgo torta troncho	30 30 20 10 10
04	vesgo	02	zanoi/zanoi u vesgu	50 50	03	vesgu/a	85	02	vesgo/s zarioiu	90 10
05	míope		fauta/u de vista curtu da vista vista curta cegu	40 20 20 10	05	fauta/u da vista	65	04	míupe/í fraco da vista enxerga poço curto de vista	40 40 10 10
06	terçol/viúva	03	treisou/terço /tresou carni crecida bilida	60 20 20	03	treçou	85	--	---	---
07	conjuntivite/dor d'olhos	04	dordoi/dordolhi/dordolhu conjuntiviti remela duenti du olhu	60 10 10 10	04	dô di olhu	75	03	dor de vista conjuntiviti pus	70 20 10
08	catarata	03	catarata carni crecida pelhice nu olhu	60 20 10	03	catarata	60	01	catarata	100
09	dentes	05	preza/s superiô inferiô	60 10 10	05	prezas	60	02	preza/s	90



# Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

	caninos/pr esas		denti apontadu quexau	10 10					caninos	10
10	Dentes do siso/dentes do juízo	04	denti queru denti du juízo presa utimas prezas quexau	50 20 10 10 10	06	quexau denti du juizo	15	02	dentes do siso/u dentes do juízo	90 10
11	Dentes molares/de nte queiro	02	quexais denti di quexau	60 20	03	quexau	85	03	molar/molar es as prezas do fundo quexal	50 10 10
12	Desdentad o/banguela	04	disdentadu banguela/u falta di denti sem denti	50 30 10 10	04	disdentadu	75	02	banguela/o desdentado/ a	50 50
13	Fanhoso/fa nho	02	fanhozu/faio nzu meiu roco	90 10	03	fanhozu/a	60	02	fanho/u fanhoso/u	80 20
14	Meleca tatu	03	bustela cataraca bolinha du nariz	50 30 10	02	bustela	90	02	tatu secreção nazal	90 10
15	Soluço	02	soluçu, soluç u, soluço goto	80 10	03	soluçu	60	01	soluço/u/sal uço	100
16	Nuca	04	nuca cangoti pesçoçu tutísuiu	50 30 10 10	03	cangoti	65	01	nuca	100
17	Pomo-de- adão/gogó	03	garganta gogó guela	40 40 10	05	gogó	70	05	gogó caroço de adão gargalo guela garganta	30 20 20 10 10
18	Clavícula	03	clavícula/cl avica cantarera ombro	70 20 10	03	cantarera	55	01	clavícula/cr avícula/ cavícula/ cravica/travi cula	100
19	Corcunda	05	cocunda/car cundo muduru nas costas calombinho alejado das costa lubim	60 10 10 10 10	09	cacundu/a	45	01	cacundu/u/c orcundo/a/ cocunda	100
20	Axila	02	suvacu axila	90 10	02	suvacu	95	02	sovaco/u axila/s	80 20
21	Cheiro nas axilas	05	suvaquera mau cheru catinga inhaca cheru	30 20 20 10 10	07	nhaca	25	06	cheiro forte catinga asa murinha odores mau cheiro	30 20 20 10 10 10
22	Canhoto	01	canhotu/caio tu	100	02	canhotu/a	90	01	canhoto/a	100
23	Seios/peito		seiu	60	02	seiu/s	50	01	seio/s	100



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

		03	peitu mama	30 10		peitu	50			
24	Vomitar	03	vomitá provoca baudiá	50 30 10	03	vumitá	65	02	vomitar/vom ita/vumitá/ gumitá arroto	90 10
25	Útero	04	barriga ventri úteru ovaru	40 20 10 10	04	úteru	35	02	útero/utro ventre	80 10
26	Perneta	03	alejadu deficienti só tem uma perna	70 20 10	05	alejadu/a	75	04	manco perneta deficiente rengo	40 30 10 10
27	Manco	04	cochu manca puxa puruma perna deficienti	40 10 10 10	06	coxu	50	02	manco/u/a rengo	70 30
28	Pessoa de pernas arqueadas	04	zambeta perna/s torta cambota cabritu	40 20 10 10	05	perna torta	70	02	cambota perna torta	70 30
29	Rótula/pat aca	06	juelhu rótala/rótima rótala di juelhu bulacha jabota du juelhu tartaruga	20 10 10 10 10 10	06	juelhu	35	04	pataca rótula cabeça do joelho minisco do joeio	30 20 10 10
30	Tornozelo	04	tornozelo carcanhá rejeitu junta	40 20 10 10	03	tornozelu	40	02	tornozelo/u garáu	90 10
31	Calcanhar	01	caucanhá/ca rcanhá	90	02	caucanhá	95	02	garrãu/r cacanhá/car canhá	60 40
32	cócegas	02	cosca cocerazinha	90 10	02	cosca/s	95	02	cosca/s/cóc ega/s cocera	90 10

## Carta Lexical 1



A carta lexical número 1, correspondente à questão dois, do Campo Semântico Corpo Humano, registra as ocorrências: *ciscu*, *augueru* e *bizerinhu*. Distribuídas entre as localidades temos: em Aurora do Pará/PA *ciscu/s* (80%), variante de maior frequência; *augueru* – (10%) e *bizerinhu* – (10%); Na Ilha do Marajó/PA, *ciscu* (95%) de frequência; em Santo Augusto/RS, *ciscu*, única a ocorrer, 100%.

Em relação aos pontos linguísticos, comparando os dados, observa-se que a lexia *ciscu* ocorreu em todas elas. Por outro lado, *augueru* e *bizerinhu* só foram registradas em Aurora do Pará/PA. E mais, a lexia de maior frequência, *ciscu* (80%) coincide com aquela proposta pelo questionário do ALiB. Das lexias registradas, as de maior frequência foram: *ciscu/s* (80%), em Aurora do Pará-PA; *ciscu* (95%), na Ilha do Marajó-PA; *ciscu* (100%), em Santo Augusto-RS.

## Carta Lexical 2

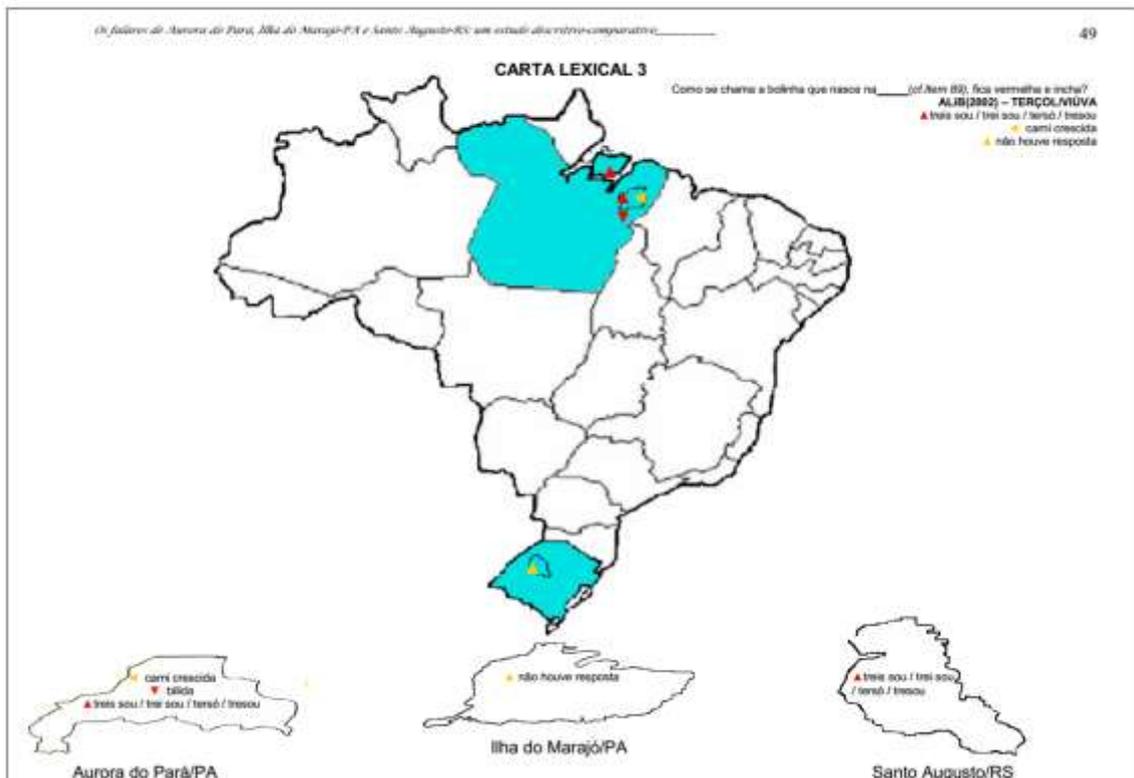


A carta lexical 2, referente à questão 4 - Como se chama para a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? –, registra as ocorrências: *vesgu*, *zânnoi*, *zarôio*. Distribuídas entre as localidades temos: em Aurora do Pará-PA, *vesgu* (50%) e *zânnoi* (50%), variantes de maior frequência; na Ilha do Marajó-PA, *vesgu* (85%); em Santo Augusto-RS, *vesgo* (90%), de maior frequência e *zarôio* (10%).

Em relação aos pontos linguísticos, comparando os dados, observa-se que a lexia *vesgu* ocorreu em todas elas. Por outro lado, *zânnoi* só ocorreu em Aurora do Pará-PA e a *zarôio*, em Santo Augusto-RS. A lexia de maior frequência *vesgu* (50%) coincide com aquela proposta pelo ALiB.

Das lexias registradas, as de maior frequência foram: *vesgu* (50%) e *zânoio* (50%) em Aurora do Pará; *vesgu* (85%), na Ilha do Marajó-PA; *vesgo* (90%), em Santo Augusto.

### Carta Lexical 3

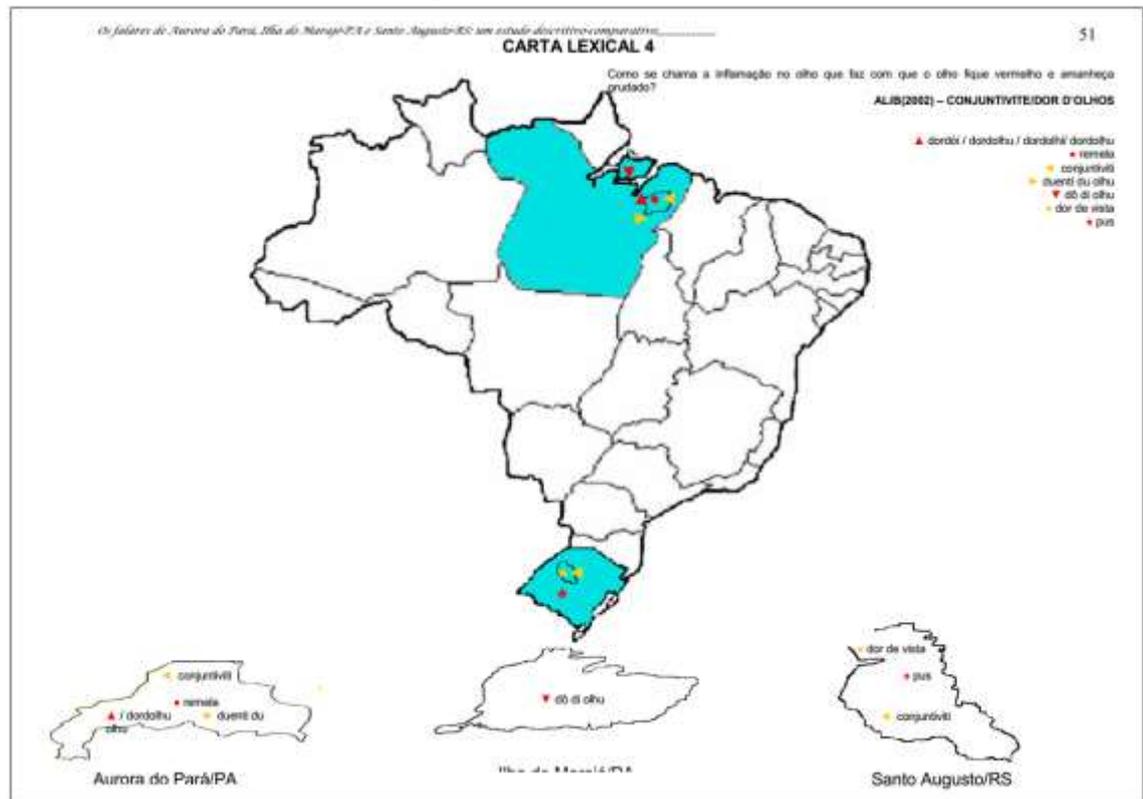


A carta lexical 3, correspondente à questão 6 - Como se chama a bolinha que nasce na \_\_\_\_\_ (cf. Item 89), fica vermelha e incha?-, registra as ocorrências: *treis sou*, *bilida*, *carni crescida*. Distribuídas entre os pontos linguísticos temos: em Aurora do Pará-PA, *treis sou* (60%), *bilida* (20%) e *carni crescida* (20%); na Ilha do Marajó-PA, *treçou* (85%). Observa-se que em Santo Augusto-RS não houve ocorrência de nenhuma lexia.

Em relação aos pontos linguísticos, comparando os dados, observa-se que a lexia *treis sou/treçou* ocorreu em Aurora do Pará/PA e na Ilha do Marajó/PA. A lexia de maior frequência *treis sou* (60%) coincide com aquela proposta pelo ALiB.

Das lexis registradas, as de maior frequência foram: *treis sou* (60%), em Aurora do Pará-PA e *treçou* (85%), na Ilha do Marajó-PA.

## Carta Lexical 4



A carta lexical 4, referente à questão 7 - Como se chama a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?-, registra as ocorrências: *dordólhi*, *remela*, *conjuntiviti*, *duenti du olhu*, *dor na vista*, *pus*. Distribuídas entre as localidades, temos: em Aurora do Pará-PA, *dordolhi* (60%)*remela* (10%), *conuntiviti* (10%) e *duenti du olhu* (10%); na Ilha do Marajó-PA, *dô di olhu* (75%); em Santo Augusto-RS, *dor de vista* (70%), *conjuntiviti* (20%) e *pus* (10%).

Em relação aos pontos linguísticos, comparando os dados, observa-se que a lexia *conjuntivite* ocorreu em todas elas. Por outro lado, *dordolhi*, *remela* e *duenti du olhu* só ocorreu em Aurora do Pará-PA e *dor de vista*, *pus*, em Santo Augusto-RS. A lexia de maior frequência, em Aurora do Pará, *dordolhi* (60%) coincide com aquela proposta

pelo ALiB, bem como a lexia *conjuntiviti*, que teve a frequência de 10% e 20%, em Aurora do Pará-PA e em Santo Augusto, respectivamente.

Das lexias registradas, as de maior frequência foram: *dordolhi* (60%), em Aurora do Pará-PA; *dô di olhu* (75%), na Ilha do Marajó-PA; *dor de vista* (70%), em Santo Augusto-RS.

## Carta Lexical 5



A carta léxica 5, correspondente à questão 8 - Como se chama aquela pele branca que dá no olho de pessoas mais idosas?-, registra as ocorrências: *catarata*, *carni crecida*, *pelhisi nu olhu*. Distribuídas entre as localidades temos: em Aurora do Pará-PA, *catarata* (60%), *carni crecida* (20%), *pelhisi nu olhu* (10%); na Ilha do Marajó-PA, *catarata* (60%); em Santo Augusto-Rs, *catarata* (100%).

Em relação aos pontos linguísticos, comparando os dados, observa-se que a lexia *catarata* ocorreu em todos eles. Por outro lado, *carni crecida* e *pelhisi nu olhu* foram registradas apenas em Aurora do Pará\_PA. A lexia de maior frequência, *catarata*

(60%), coincide com aquela proposta pelo ALiB. Das lexias registradas, as de maior frequência foram: *catarata* (60%), em Aurora do Pará; *catarata* (60%), na Ilha do Marajó; *catarata* (100%), em Santo Augusto.

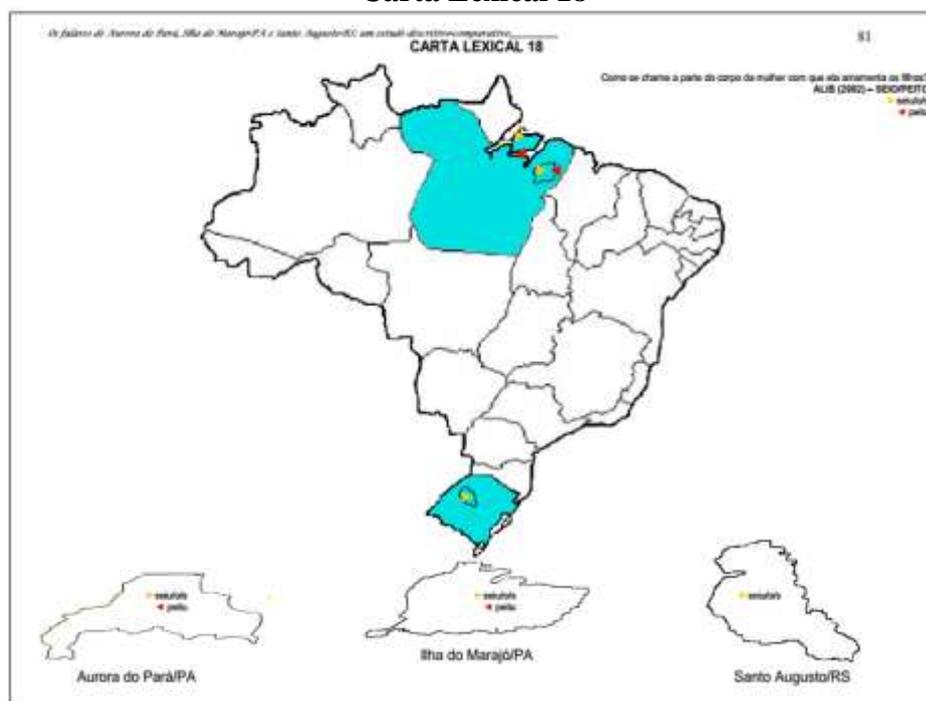
### Carta Lexical 17



A carta lexical 17, referente à questão 22 – como se chama a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão?-, registra a ocorrência *canhotu*. Assim, em Aurora do Pará-PA, *canhotu* (100%); na Ilha do Marajó, foi registra *canhotu* (90%); em Santo Augusto, *canhoto*(100%).

Comparando os dados, observa-se que essa lexia coincide entre os pontos linguísticos e entre o ALiB. E constitui a única ocorrência dos pontos linguísticos.

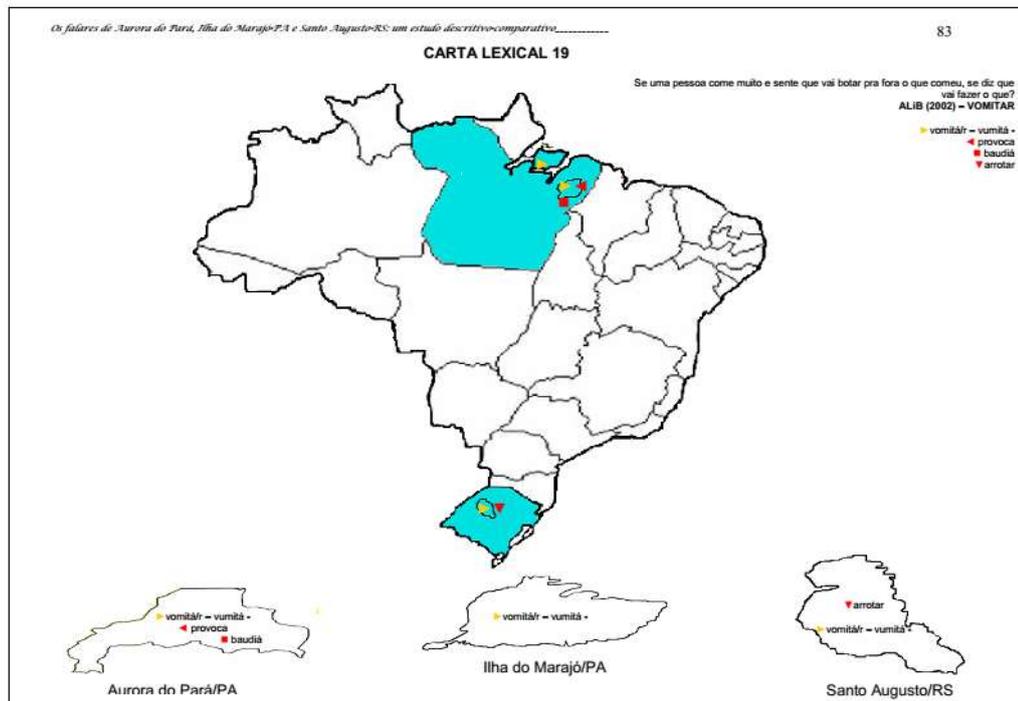
## Carta Lexical 18



A partir da carta lexical 18, correspondente à questão - como se chama a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos? -, registra as ocorrências *seiu*, *peitu*. Distribuídas entre as localidades, temos: em Aurora do Pará-PA, *peitu* (30%), *mama* (10%), *seiu* (60%); na Ilha do Marajó-PA, *seiu/peitu* (50%); em Santo Augusto-RS, *seio* (100%).

Em relação aos três pontos linguísticos, observa-se que a lexia *seio* ocorreu em todos eles. Por outro lado, *mama*, só ocorreu em Aurora do Pará-Pa. A lexia de maior frequência, *seio*, coincide com a do ALiB.

## Carta Lexical 19



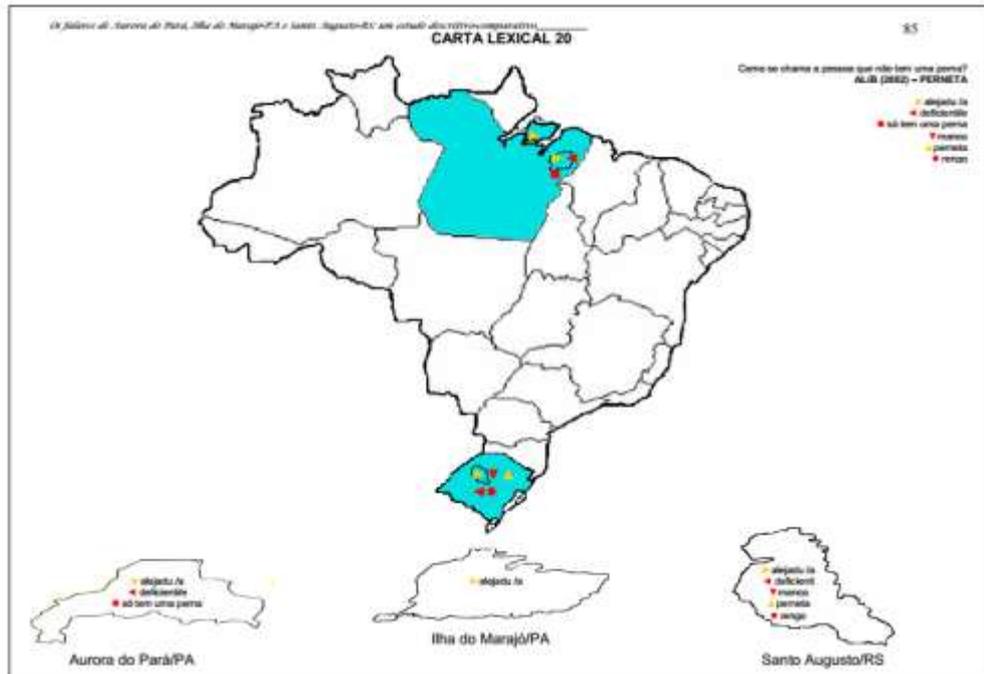
A carta lexical 19, correspondente à questão 23 - como se chama a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos?-, registra as ocorrências: *vomita*, *baudiá*, *provocá*, *arrotá*. Distribuídas entre as localidades, temos: em Aurora do Pará-PA, foram registradas as lexias *vomita* (60%), *provocá* (30%), *baudiá* (10%). Já na Ilha do Marajó-PA, foi registrada a lexia *vumitá* (65%). Em Santo Augusto, foram registradas as lexias *vomitar* (90%) e *arrotar*(10%).

A lexia *vomitá* ocorreu nas três localidades. Por outro lado, *baudiá* e *provocá* só ocorreram em Aurora do Pará-PA. *Arrotá*, por sua vez, só ocorreu em Santo Augusto-RS.

A resposta proposta pelo AliB, *vomitar*, que apareceu nas três localidades., coincide com o ALiB.

Das lexias registradas, as de maior frequência foram: *vomita* (60%), em Aurora do Pará-PA; *vumitá* (65%), na Ilha do Marajó-PA; *vomitar*(90%) em Santo Augusto-RS.

## Carta Lexical 20



A partir da carta lexical 20, referente à questão 26 - como se chama a pessoa que não tem uma perna?, registra as ocorrências: *alejadu, deficiente, só tem uma perna, manco, perneta, rengo*. Distribuídas entre as localidades temos: em Aurora do Pará-PA, *alejadu* (70%), *deficiente* (20%), *só tem uma perna* (10%); na Ilha do Marajó-PA, *alejadu* (75%); em Santo Augusto-RS, *manco* (40%), *perneta* (30%), *deficiente* (10%), *rengo* (10%).

Comparando os dados, observa-se que a lexia *alejadu* ocorreu apenas em Aurora do Pará-PA e na Ilha do Marajó-PA. A lexia *deficiente* ocorreu em Aurora do Pará-PA e Santo Augusto-RS. A lexia *só tem uma perna* ocorreu apenas em Aurora do Pará-PA. As lexias *perneta, manco e rengo* só aparecem em Santo Augusto-RS. Ou seja, não houve nenhuma lexia coincidente entre os três pontos linguísticos.

Das lexias registradas, as de maior frequência foram: *alejadun* (70%), em Aurora do Pará-PA; *alejadu* (75%), na Ilha do Marajó-PA; *manco* (40%).

## Carta Lexical 21



A partir da carta lexical 21, referente à questão 31- como se chama isto?-, registra as ocorrências: *caucanhar*, *garrãu*. Distribuídas entre as localidades temos: em Aurora do Pará-PA, *caucanhá* (100%); na Ilha do Marajó-PA, *caucanhá* (95%); em Santo Augusto-RS, *garrãu* (60%), *calcanhá* (40%).

Comparando os dados, observa-se que *caucanhá* coincidiu nos três pontos linguísticos e também com a resposta proposta pelo AliB.

Das lexias registradas as de maior frequência, foram: *caucanhá* (100%), em Aurora do Pará-PA; *caucanhá* (95%), na Ilha do Marajó-PA; *garrãu* (60%), em Santo Augusto.

## Carta Lexical 22



A carta lexical 22, que se refere à questão 32 – que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé?-, registra as ocorrências *cosca* e *coserazinha*. Distribuídas entre as localidades temos: em Aurora do Pará-PA, *cosca* (100%); na Ilha do Marajó-PA, *cosca* (95%); em Santo Augusto-RS, *cosca* (90%), *coserazinha* (10%).

Comparando os dados, observa-se que a lexia *cosca* é recorrente nos três pontos linguísticos. Já lexia *coserazinha* aparece somente em Aurora do Pará-PA e em Santo Augusto-RS. A lexia de maior frequência, *cosca*, coincide com o ALiB.

Das lexias de maior frequência tem-se: *cosca* ( 90%), Aurora do Pará-PA; *cosca* (95%), na Ilha do Marajó-PA; *cosca/cócega* , em Santo Augusto-RS.

### 4 Pegadas

É fato as diferenças de dialetos entre falantes nativos de regiões diferentes. Não é tão difícil percebermos, ao observarmos melhor, a fala de pessoas, por exemplo, que residem na região norte e comparar a daqueles da região sul, mesmo sem termos conhecimento de linguística, somos capazes de perceber as diferenças entre os sons, entre as construções frasais, entre os vocábulos, etc, ou seja, somos capazes de detectar



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

**Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)**

as diferenças fonético-fonológicas, morfossintáticas, semântico-lexicais e discursivas. Em outras palavras, isso implica dizer que conseguimos identificar, nesses falares, o que eles possuem de comum e o que os diferenciam, tomando conhecimento, desse modo, dos aspectos heterogêneo e homogêneo da linguagem.

Todavia, essa evidente constatação só se configura a partir de estudos, pesquisas e análises realizadas com dados obtidos *in loco* dos dialetos. Neste sentido, constitui um suporte de relevância as pesquisas dialetológicas, de caráter geolinguístico, em destaque esta a que este trabalho se propôs, ao descrever o dialeto falado em Aurora do Pará-PA e compará-lo com aqueles falados na Ilha do Marajó-PA e em Santo Augusto-RS.

Portanto, registrar em cartas lexicais um léxico nunca antes descrito, o pertencente ao dialeto de Aurora do Pará-PA e compará-lo aos outros dialetos já referidos é uma tarefa importantíssima para o conhecimento das múltiplas faces do português falado no Brasil. Trata-se de evidenciar o aspecto heterogêneo da linguagem, contribuindo concretamente para que se desconfigure o mito da língua única.

Um léxico, enquanto componente de um dialeto, revela o modo como uma comunidade linguística categoriza o mundo, a realidade. Contém traços que caracterizam aqueles que o utilizam: econômico, social, etário, grau de escolaridade, etc.

Do exposto, pode-se inferir que os dados coletados em Aurora do Pará-PA revelam uma das formas de apreensão da realidade, que se diferencia dos outros dialetos falados na Ilha do Marajó-PA e em Santo Augusto-RS. Nota-se, portanto, que essa diferença não é total, e não o haveria de sê-lo, pois, mesmo diante do caráter heterogêneo da linguagem, é inegável a presença do caráter homogêneo, tão difundido por Saussure, no que diz respeito ao sistema linguístico. Daí o porquê do mestre de Genebra considerar a língua como homogênea, a respeito do qual já nos referimos anteriormente neste trabalho.

A partir do estudo realizado pudemos constatar que das lexias de maior frequência registradas nos pontos linguísticos, verificou-se que o dialeto do Sul, santo-



## Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

agustense, se assemelha em cerca de 73% com o ALiB, enquanto que os dialetos do Norte, Marajó e Aurora do Pará, apresentaram um percentual de mais ou menos 51% e 58%, respectivamente, de coincidência. Isso nos permite inferir que a maior semelhança do dialeto do sul com o ALiB se deve ao fato de o questionário usado para as entrevistas ter sido elaborado nessa região. Nota-se também que, quanto mais afastada a localidade da região sul, mais diferenças ela apresenta.

A tabela abaixo resume esse resultado.

Pontos Lingüísticos	Total de ocorrências	Semelhanças com ALiB	%	diferenças	%
Aurora do Pará	108	30	27,7	78	72,3
Marajó	127	16	12,5	111	71,5
Santo Augusto	72	30	41,6	42	58,4

Entre os falares de Aurora do Pará-Pa e Santo Augusto-RS, das ocorrências registradas, 108 e 72, respectivamente, ou seja, 180, no total, somente 32 são semelhantes. Por outro lado, o mesmo dialeto comparado ao da Ilha do Marajó, levando em consideração as lexias de maior frequência, 30 são recorrente entre eles. Isso revela que, caso fosse levado em consideração todas as lexias do Marajó, o índice de recorrência seria maior. Desse modo, pode-se inferir que há mais semelhanças entre os dialetos de Aurora do Pará-Pa e Marajó-Pa, que entre aquele e Santo Augusto-Pa. Talvez isso se deva ao fato de Santo Augusto ser localizado na região Sul, e Aurora do Pará e Marajó estarem situados no Pará, região Norte.

A pesquisa também possibilitou constatar que a diversidade não se apresenta somente entre os falares, mas nesses mesmos falares há diversidade, como o que ocorreu em Aurora do Pará-PA, onde para a parte que cobre os olhos foram registradas cinco lexias. Ora, sem dúvida, não haveria de ser diferente. Não poderíamos achar que numa comunidade em que os seus falantes possuem características distintas, a língua nela falada fosse única.



## Referências

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina:Eduel, 2005.
- BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Parábola, 2004.
- BELINE, Joaquim. A Variação Linguística. In: FIORIN, José Luis. **Introdução à linguística: objetos teóricos**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialetologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. **D.E.L.T.A** . Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo/SP, Número especial, v 17, , p. 25-44: EDUC, 2001.
- COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.
- CUNHA, Celso; LINDLEY, Cintra. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DALLEMOLE, Jussara Maria P. **Um Estudo Descritivo E Contrastivo Entre Os Falares Santoaugustense – RS e Marajoara – Pa**. 2005. 351 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade da Amazônia, Belém, Pará, 2005.
- FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- FERREIRA, Jany Éric Q. Algumas faces dos estudos linguísticos. **Lato e Sensu**. Belém, PA, n. 1. pág 70-79, jun. 2005.
- \_\_\_\_\_. Outras faces dos estudos linguísticos. **Lato e Sensu**. Belém, PA, n. 2. pág 70-79, nov. 2005.
- \_\_\_\_\_. Seluço, rótima, lubim. Os signos linguísticos e suas propriedades. **Lato e Sensu**. Belém, PA, n.2. pág 167-178, nov. 2006.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística: objetos teóricos**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2003
- GERALDI, João Wanderley; ILARI, Rodolfo. **Semântica**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2003.
- HOUAISS, Antônio. **O português no Brasil**. São Paulo: Revan, 1992.
- LOPES, Ivã Carlos; PIETROFORTE, Antonio V. S. Semântica Lexical. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística: princípios de análises**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade**. São Paulo: Ática, 1993.



## **Web - Revista SOCIODIALETO**

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD  
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

**ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019**

**Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)**

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à semântica**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2 ed. São Paulo: Vozes, 2002.

PERINI, Mario A. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola, 2004.

PETTER, Margarida. Linguagem. Língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística: objetos teóricos**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 25 ed. São Paulo: Cutrix, 1999.

SILVA, Maria do Perpétuo Cardoso da Silva. **Estudo semântico-lexical com vistas ao Atlas linguístico da Mesoregião do Marajó/PA**. Belém: Unama, 2005.

SOUZA, Álvaro José de. **Geografia linguística: dominação e liberdade**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1991.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2003.

XAVIER, Antonio Carlos; CORTEZ, Suzana Alice. **Conversas com linguistas: virtudes e controvérsias da linguística**. Rio de Janeiro: Parábola, 2005.

[http:// www.alib.ba.com.br](http://www.alib.ba.com.br). Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Acessado em 14 de junho 2006.

[http:// www.ufma.br/canais/alima/Apresenta%E7%e3o/Apresenta%E7ao.htm](http://www.ufma.br/canais/alima/Apresenta%E7%e3o/Apresenta%E7ao.htm). Projeto Atlas Linguístico do Maranhão. Acessado em 18 de junho de 2006.

Recebido Para Publicação em 12 de abril de 2019.

Aprovado Para Publicação em 08 de junho de 2019.